

Escala McGill-UFRGS para Avaliação dos Grupos de Amigos: Adaptação e Propriedades Psicométricas

Anderson Siqueira Pereira¹

Diogo Arango DeSousa²

Luciana Dutra-Thomé³

Silvia Helena Koller¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

²Universidade Tiradentes, Aracaju, Sergipe, Brasil

³Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar o processo de adaptação e as propriedades psicométricas da Escala McGill-UFRGS de avaliação das funções de amizade em grupos de amigos. Participaram do estudo 521 jovens adultos com idades entre 18 e 30 anos ($M = 22,68$; $DP = +3,21$). A estrutura de seis fatores da escala apresentou bons índices de ajuste ($CFI = 0,968$, $TLI = 0,965$, $RMSEA = 0,067$, $IC90\% = 0,063-0,071$) na análise fatorial confirmatória e demonstrou invariância de medida entre gêneros e grupos etários. Os coeficientes de confiabilidade dos fatores da escala foram bons, com alfas de Cronbach variando entre 0,875 e 0,912, e confiabilidade composta variando entre 0,956 e 0,966. A Escala McGill-UFRGS mostra-se uma adaptação válida e confiável para a avaliação das funções de amizade em grupo de amigos entre jovens adultos.

Palavras-chave: amizade, avaliação psicológica, psicometria, relacionamentos interpessoais

McGill-UFRGS Scale for Evaluation of Groups of Friends: Adaptation and Psychometric Properties

Abstract

The purpose of this article was to present the adaptation process and psychometric properties of the McGill-UFRGS Scale for the assessment of friendship functions in peer groups. A total of 521 young adults aged 18 to 30 years ($M = 22.68$; $SD = +3.21$) participated in the study. The six-factor structure of the scale had good fit indices ($CFI = 0.968$, $TLI = 0.965$, $RMSEA = 0.067$, $CI90\% = 0.063-0.071$) in confirmatory factor analysis and demonstrated measurement invariance across sex and age groups. The reliability estimates of the factor scores were good, with Cronbach's alphas ranging from .875 to .912 and composite reliability ranging from .956 to .966. The McGill-UFRGS Scale proved to be a valid and reliable instrument for assessing friendship group functions among young adults.

Keywords: friendship, psychological assessment, psychometry, interpersonal relationships

Escala McGill-UFRGS para la Evaluación de los Grupos de Amigos: Adaptación y Propiedades Psicométricas

Resumen

El objetivo de este artículo es presentar el proceso de adaptación y las propiedades psicométricas de la Escala McGill-UFRGS para la evaluación de las funciones de amistad en grupos de amigos. Participaron del estudio un total de 521 adultos jóvenes de 18 a 30 años ($M = 22,68$; $DS = +3,21$). La estructura de seis factores de la escala mostró buenos índices de ajuste en el análisis factorial confirmatorio ($CFI = 0,968$, $TLI = 0,965$, $RMSEA = 0,067$, $IC90\% = 0,063-0,071$) y demostró invarianza de medición entre géneros y grupos de edad. Los coeficientes de confiabilidad de los factores de la escala fueron buenos, con alfa de Cronbach oscilando entre 0,875 e 0,912 y confiabilidad compuesta entre 0,956 e 0,966. La escala McGill-UFRGS se presenta como un instrumento válido y fiable para la evaluación de las funciones de amistad en un grupo de amigos entre adultos jóvenes.

Palabras clave: amistad, evaluación psicológica, psicometría, relaciones interpersonales

A amizade pode ser definida como relacionamentos voluntários entre pessoas, nos quais as partes envolvidas possuem apreço uma pela outra, numa relação que envolve intimidade e ajuda mútua (DeSousa & Pereira, 2018; Fehr, 1996). A amizade possui diferentes papéis ao longo do ciclo vital, pois é com os amigos que as pessoas passam parte significativa do seu tempo ao longo do desenvolvimento (Collins &

Laursen, 2004; Fraley & Davis, 1997). Com as relações de amizade, as pessoas podem suprir necessidades de companhia e intimidade, aumentar a autoestima e o sentimento de pertencimento (Carvalho et al., 2017; Hartup & Stevens, 1997). Além disso, a qualidade das relações de amizade tem sido associada à felicidade e a qualidade de vida (Demir & Weitekamp, 2007; Gouveia, Matos, & Schouten, 2016). Amizades podem agir

como modelos de comportamento positivo; grupos de referência para recorrer em situações-problema (Buote et al., 2007); alguém para ouvir e aconselhar, encorajar e dar *feedbacks* a comportamentos; e auxiliar na adaptação a novos contextos (ex.: entrada na universidade; Resende, Bones, Souza, & Guimarães, 2006; DeSousa & Cerqueira-Santos, 2011).

Fatores ambientais, como proximidade de residência, atividades e amigos em comum são facilitadores no estreitamento de relações de amizade e sua manutenção. Além desses, a frequência do contato, a disponibilidade de tempo e a atenção auxiliam no desenvolvimento e na manutenção das relações de amizade (Fehr, 1996; Souza, 2006). Variáveis pessoais, como as habilidades sociais, a aparência física (principalmente no primeiro contato), similaridade entre comportamentos e opiniões, também têm sido apontados como aspectos que influenciam as relações de amizade (Fehr, 1996).

As relações de amizade podem desempenhar papel protetivo para o desenvolvimento, auxiliando no desenvolvimento de habilidades sociais e de competências adaptativas (Pereira, 2019). Possibilitam o manejo de emoções e do estresse, orientam o indivíduo afetiva e cognitivamente, dão significado e coerência à vida e propiciam aprendizado de novas informações (Resende et al., 2006). Além disso, viabilizam uma relação na qual se pode buscar ajuda mútua, o que influencia positivamente o bem-estar psicológico, reduz o isolamento social e aumenta a satisfação de vida (Ramos, 2002; Resende et al., 2006). Por outro lado, podem atuar como fator de risco para o desenvolvimento, quando associadas a situações que expõem as pessoas a situações de estresse ou vulnerabilidade (Dishion, Nelson, & Yasui, 2005). Ou seja, quando o envolvimento com o grupo de amigos influencia a pessoa a emitir comportamentos de risco, como uso de drogas, envolvimento com o crime ou violentos. Nesses contextos, habilidades sociais, como a assertividade e saber dizer não, podem auxiliar a pessoa a resistir à pressão do grupo (Costa & Cavalcante, 2018; Wagner & Oliveira, 2009).

Seis funções constituem características intrínsecas às relações de amizade (Mendelson & Aboud, 1999): 1) **Intimidade**: proximidade na relação, sensibilidade aos estados e necessidades do amigo, abertura para a expressão de pensamentos, sentimentos e informações pessoais; 2) **Segurança Emocional**: oferecimento de acolhimento e confiança emocional em situações difíceis, novas ou ameaçadoras; 3) **Aliança Confiável**: disponibilidade, lealdade contínuas e sentimento de que a relação é forte o suficiente para não ser abalada por

discussões e opiniões contrárias; 4) **Companheirismo Estimulante**: engajamento em atividades de lazer agradáveis e estimulantes com amigos; 5) **Ajuda**: fornecimento de assistência, orientação, conselhos ou outras formas de auxílio; e 6) **Autovalidação**: capacidade de encorajar e ajudar os amigos a manter uma autoimagem positiva.

Ainda que a amizade configure uma das relações sociais mais importantes, sendo fonte de diversos fatores protetivos para o desenvolvimento, a literatura na área possui foco nas fases iniciais do ciclo vital (infância e adolescência). Poucos são os estudos que levam em consideração as características e fatores positivos e negativos da amizade em outras fases da vida, como na adultez emergente e na adultez intermediária (Souza & Hutz, 2008). Durante a adultez emergente, por exemplo, a amizade tem um papel importante, visto que nessa fase os jovens estão cada vez mais adiando a assunção de papéis adultos (DeSousa & Pereira, 2018). Tal postergação faz com que os jovens tenham mais tempo para explorar suas identidades em experiências e vivências, as quais muitas vezes os amigos são os principais companheiros.

Alguns dos estudos sobre amizade na adultez jovem vêm demonstrando o papel da amizade na vida dos indivíduos. Em um estudo com 209 universitários entre 18 e 30 anos (Duarte & Souza, 2010), participantes descreveram a amizade com os termos “confiança”, “lealdade”, “intimidade”, “aceitação” e “afinidades”. Em outro estudo com jovens adultos, a amizade foi descrita sobretudo com termos como “companheirismo”, “confiança” e “sinceridade” (DeSousa & Cerqueira-Santos, 2012). Nesse mesmo estudo, identificou-se que a média entre os jovens foi de oito amigos íntimos, número que apresentou uma relação negativa com a idade, ou seja, quanto mais velhos os participantes, menor o número de amizades íntimas indicadas por eles. Associações entre relacionamentos de amizade e bem-estar subjetivo foram investigadas em uma amostra de 232 jovens adultos (Souza & Duarte, 2013). Foram encontradas correlações positivas entre os níveis de satisfação com as melhores amizades e os níveis de satisfação de vida e de afetos positivos.

Estudo avaliando habilidades sociais em jovens adultos, observou que existe uma relação entre a qualidade das relações de amizade e variáveis positivas como autoestima, autoeficácia e habilidades sociais (Pereira, 2015). Outro estudo (Pereira, Wilhelm, Koller, & Almeida, 2018) relatou que jovens com histórico de tentativas de suicídio tendem a ter médias mais baixas

na qualidade das relações de amizade, quando comparados aos jovens sem histórico, discutindo que a qualidade dessas relações possa ser um fator protetivo para evitar tentativas de suicídio.

Outro estudo que também demonstrou a importância da amizade e dos demais relacionamentos interpessoais é o de Pereira (2019), no qual o autor propõe um modelo para entender o papel protetor dos relacionamentos interpessoais chamado de “Escudo Social”. O modelo propõe que existe uma relação entre as habilidades sociais da pessoa e a forma como os componentes da rede de apoio para auxiliar no desenvolvimento das pessoas. Ao testar esse modelo teórico a partir de um estudo quantitativo com adultos jovens, o autor identificou que os relacionamentos de amizade são um dos principais componentes do escudo social e que ele demonstrou ter um papel protetivo para transtornos mentais, como depressão e ansiedade (Pereira, 2019).

Em termos de instrumentos psicológicos, a avaliação das características e qualidade das relações de amizade na vida adulta pode ser medida pelo *McGill Friendship Questionnaire – Friendship Functions* (MFQ-FF; Mendelson e Aboud, 1999). O questionário tem por objetivo avaliar em que grau o melhor amigo preenche as funções da amizade (Companheirismo estimulante, Ajuda, Intimidade, Aliança Confiável, Segurança emocional e Autovalidação). O questionário é composto por 30 itens divididos em subescalas que avaliam as seis funções da amizade. Cada um dos itens é composto por frases positivas que são respondidas a partir de uma escala de concordância de cinco pontos. Em seu estudo original, no qual foi realizada uma análise exploratória com rotação Oblíqua, os itens de segurança emocional demonstraram problemas. Mesmo assim, o instrumento apresentou alfas considerados bons, mostrando-se adequado para uso em pesquisa. O instrumento foi adaptado para o contexto brasileiro (Souza & Hutz, 2007) e apresentou boas propriedades psicométricas, bem como estrutura fatorial idêntica à do instrumento original, sem os problemas ocorridos na escala de segurança emocional.

Mesmo sendo um instrumento com boas propriedades psicométricas, seu foco em avaliar apenas a relação de amizade com o melhor amigo é uma limitação, visto que a rede de amigos de um indivíduo dificilmente é composta por apenas um amigo. Observando a teoria das funções da amizade proposta pelos próprios autores (Mendelson & Aboud, 1999), pode-se perceber que dificilmente um amigo único

conseguirá preencher com qualidade todas as funções. Além disso, levando em consideração o modelo do Escudo Social proposto por Pereira (2019), sabe-se que as relações de amizade como um todo (e não apenas do melhor amigo) são uma importante fonte de apoio social e fator de proteção, salientando assim a importância de avaliá-las.

A partir disso, este artigo se propõe a avaliar as funções de amizade em uma rede de amigos, na qual seus componentes preencham diferentes funções. Ademais, este trabalho busca desenvolver e aprimorar uma ferramenta investigativa sobre amizade na vida adulta, de forma que se ampliem os estudos com esse público. Portanto, o objetivo deste estudo é relatar o processo de adaptação da Escala McGill para a avaliação das funções de amizade em uma rede de amigos como um todo, de forma a acessar a qualidade dessas relações, além de verificar as qualidades psicométricas desta versão modificada.

Método

Procedimentos para Adaptação da Escala

A escala original é composta por 30 itens. Seu objetivo é avaliar as funções da relação de amizade com o(a) melhor amigo(a). Cada item contém um espaço em branco, a ser preenchido com o nome do(a) melhor amigo(a), e uma sentença. Para a adaptação do instrumento às funções da amizade no grupo de amigos, foi solicitado a dois pesquisadores com experiência em avaliação psicológica que lessem os itens da versão adaptada para o português brasileiro da escala (Souza & Hutz, 2007) e os colocassem no plural, de forma que, quando os respondentes fossem preencher a escala, avaliassem o grupo de amigos mais próximos como um todo. Para auxiliar no processo, além da versão em português, lhes foi entregue a versão original do instrumento em inglês. Após essa etapa, foi realizado um encontro entre os dois pesquisadores, no qual se discutiu as versões e se chegou a um consenso sobre a melhor forma de adaptar a escala.

A nova versão desenvolvida foi aplicada em uma amostra de jovens adultos para avaliar a clareza dos itens. A comparação da nova versão com a versão original e com a adaptada por Souza e Hutz (2007) podem ser observadas na Tabela 1.

Como o objetivo da escala se alterou, também foi importante incorporar itens que pudessem avaliar que tipo de grupo de amigos se estava avaliando. Dessa forma, foram incluídos na escala as perguntas utilizadas

Tabela 1.

Comparação dos Itens das Três Versões da Escala e a Carga Fatorial da Nova Versão nos Fatores

Nº	Fator e itens (alfa de Cronbach da nova versão; coeficiente de confiabilidade composta da nova versão)	Versão Brasileira (Souza & Hutz, 2007)	Nova versão	Carga fatorial (Nova Versão)
F1 – Companheirismo estimulante ($\alpha = 0,887$; CC = 0,962)				
4	___ <i>has good ideas about entertaining things to do.</i>	___ tem boas ideias sobre coisas divertidas para fazer.	Meus amigos têm boas ideias sobre coisas divertidas para fazer.	0,767
7	___ <i>makes me laugh.</i>	___ me faz rir.	Meus amigos me fazem rir.	0,866
18	___ <i>is exciting to talk to.</i>	É estimulante conversar com ___.	É estimulante conversar com meus amigos.	0,918
22	___ <i>is exciting to be with.</i>	É estimulante estar na companhia de ___.	É estimulante estar na companhia de meus amigos.	0,914
28	___ <i>is fun to sit and talk with.</i>	___ é legal para sair e conversar.	Meus amigos são legais para sair e conversar.	0,908
F2 – Ajuda ($\alpha = 0,891$; CC = 0,960)				
1	___ <i>helps me when I need it.</i>	___ me ajuda quando preciso.	Meus amigos me ajudam quando preciso.	0,805
9	___ <i>helps me do things</i>	___ me ajuda a fazer coisas.	Meus amigos me ajudam a fazer coisas.	0,870
13	___ <i>lends me things that I need.</i>	___ me empresta coisas de que preciso.	Meus amigos me emprestam coisas de que preciso.	0,826
24	___ <i>helps me when I'm trying hard to finish something.</i>	___ ajuda quando estou me esforçando para terminar algo.	Meus amigos ajudam quando estou me esforçando para terminar algo.	0,853
27	___ <i>shows me how to do things better.</i>	___ me mostra como fazer melhor as coisas.	Meus amigos me mostram como fazer melhor as coisas.	0,853
F3 – Intimidade ($\alpha = 0,866$; CC = 0,960)				
3	___ <i>is someone I can tell private things to.</i>	___ é alguém a quem posso contar coisas íntimas.	Posso contar coisas íntimas aos meus amigos.	0,848
8	___ <i>knows when I'm upset.</i>	___ sabe quando estou chateado.	Meus amigos sabem quando estou chateado.	0,821
15	___ <i>is someone I can tell secrets to.</i>	Posso contar segredos para ___.	Posso contar segredos para os meus amigos.	0,894
21	___ <i>knows when something bothers me.</i>	___ sabe quando algo me incomoda.	Meus amigos sabem quando algo me incomoda.	0,913
29	___ <i>is easy to talk to about private things</i>	É fácil conversar com ___ sobre coisas íntimas.	É fácil conversar com meus amigos sobre coisas íntimas.	0,801
F4 – Aliança Confiável ($\alpha = 0,912$; CC = 0,964)				
5	___ <i>would want to stay my friend if we didn't see each other for a few months.</i>	___ continuaria sendo meu amigo/a se não nos víssemos por alguns meses.	Meus amigos continuariam sendo meus amigos se não nos víssemos por alguns meses.	0,851

(Continua)

Tabela 1.

Comparação dos Itens das Três Versões da Escala e a Carga Fatorial da Nova Versão nos Fatores (Continuação)

Nº	Fator e itens (alfa de Cronbach da nova versão; coeficiente de confiabilidade composta da nova versão)			Carga fatorial (Nova Versão)
12	<i>___ would still want to be my friend even if we had a fight.</i>	___ continuaria sendo meu amigo mesmo que a gente tivesse uma briga.	Meus amigos continuariam sendo meus amigos mesmo que tivéssemos uma briga.	0,898
16	<i>___ would stay my friend even if other people criticized me.</i>	___ continuaria sendo meu amigo/a mesmo que outras pessoas me criticassem.	Meus amigos continuariam sendo meus amigos mesmo que outras pessoas me criticassem.	0,959
20	<i>___ would stay my friend even if other people did not like me.</i>	___ continuaria sendo meu amigo/a mesmo que outras pessoas não gostassem de mim.	Meus amigos continuariam sendo meus amigos mesmo que outras pessoas não gostassem de mim.	0,946
26	<i>___ would still want to stay my friend even if we argued.</i>	___ continuaria sendo meu amigo/a mesmo que a gente tivesse uma discussão.	Meus amigos continuariam sendo meus amigos mesmo que nós tivéssemos uma discussão.	0,905
F5 – Segurança Emocional ($\alpha = 0,910$; CC = 0,966)				
2	<i>___ would make me feel comfortable in a new situation.</i>	___ faria eu me sentir confortável numa situação nova.	Meus amigos fariam eu me sentir confortável numa situação nova.	0,865
11	<i>___ would be good to have around if I were frightened.</i>	Seria bom ter ___ por perto se eu estivesse com medo.	Seria bom ter meus amigos por perto se eu estivesse com medo.	0,802
14	<i>___ would make me feel better if I were worried.</i>	___ faria me sentir melhor se eu estivesse preocupado/a.	Meus amigos me fariam eu me sentir melhor se eu estivesse preocupado/a.	0,903
23	<i>___ would make me feel calmer if I were nervous.</i>	___ faria me sentir mais calmo se eu estivesse nervoso.	Meus amigos fariam eu me sentir mais calmo se eu estivesse nervoso.	0,910
30	<i>___ makes me feel better when I'm upset.</i>	___ faz eu me sentir melhor quando estou chateado/a.	Meus amigos fazem eu me sentir melhor quando estou chateado/a.	0,911
F6 – Autovalidação ($\alpha = 0,875$; CC = 0,956)				
6	<i>___ makes me feel smart.</i>	___ faz com que eu me sinta inteligente.	Meus amigos fazem com que eu me sinta inteligente.	0,733
10	<i>___ points out things that I am good at.</i>	___ chama minha atenção para coisas nas quais sou bom/boa.	Meus amigos chamam minha atenção para coisas nas quais sou bom/boa.	0,841
17	<i>___ compliments me when I do something well.</i>	___ me elogia quando faço algo bem feito.	Meus amigos me elogiam quando faço algo bem feito.	0,723
19	<i>___ makes me feel special.</i>	___ faz com que eu me sinta especial.	Meus amigos fazem com que eu me sinta especial.	0,898
25	<i>___ makes me feel that I can do things well.</i>	___ faz com que eu sinta que posso fazer bem as coisas.	Meus amigos fazem com que eu sinta que posso fazer bem as coisas.	0,925

por DeSousa e Cerqueira-Santos (2011) em uma pesquisa que avaliou a rede de amigos. Nessas perguntas, solicitou-se aos respondentes que focassem nos amigos mais próximos, com limite de até 10 nomes. Após, foram identificados os amigos por sexo e, finalmente, responderam às questões da escala focando na relação com os amigos citados. O *rapport* da escala, junto com as perguntas incluídas podem ser visualizadas na Figura 1.

Observando as modificações realizadas na escala, tanto na forma como as perguntas estão redigidas como no objetivo de avaliação, decidiu-se por modificar o nome da escala para diferenciá-la da escala original. A versão adaptada neste artigo foi nomeada de Escala McGill-UFRGS de Avaliação das Funções de Amizade da Rede de Amigos.

Participantes e Procedimentos

Este estudo integra a pesquisa guarda-chuva intitulada “Habilidades sociais e fatores de risco e proteção na adultez emergente”, aprovada pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da UFRGS pelo parecer 636.992/2014. A coleta de dados foi realizada de forma *online* utilizando a plataforma *surveymonkey*, e os participantes foram recrutados a partir de indicações, divulgação em redes sociais e por listas de *e-mails* de universidades, levando em consideração as diretrizes propostas por Dutra-Thomé e Pereira (2017) para pesquisas *online* com adultos emergentes. Participaram deste estudo 521 adultos jovens entre 18 e 30 anos

provenientes das cinco regiões brasileiras. A média de idades da amostra foi de 22,68 anos ($DP = + - 3,21$), predominantemente feminina ($n = 344, 66\%$) e branca ($n = 348, 66,9\%$). Quanto ao nível de escolaridade, a amostra foi predominantemente de nível superior incompleto ($n = 365, 70,2\%$) ou completo ($n = 75, 14,4\%$) e pós-graduação ($n = 53, 10,2\%$).

Instrumentos

Escala McGill-UFRGS. Versão modificada da Escala McGill para avaliação das funções de amizade da rede de amigos. É composta por 30 frases sobre a impressão que os respondentes possuem de suas amizades. Os itens são pontuados em uma escala de concordância de cinco pontos (1 – *Discordo totalmente* a 5 – *Concordo totalmente*).

Dimensional Anxiety Scale – Social Anxiety Disorder. Escala de autorrelato para diagnosticar sintomas de ansiedade social. Solicita ao respondente que avalie, numa escala de cinco pontos (0 - *Nunca* a 5 - *O tempo todo*) e em relação aos últimos sete dias, o quanto as afirmativas representam seus sintomas físicos e cognitivos de ansiedade; bem como seus comportamentos frente a situações aversivas. A SAD-D foi adaptada e validada para o português brasileiro (DeSousa et al., 2017), apresentando boas propriedades psicométricas e alfa de Cronbach de 0,899.

Escala Multidimensional de Expressão Social – Parte Motora (EMES-M). A EMES-M

- a) Gostaríamos de saber um pouco sobre as suas amizades. As pessoas possuem dois tipos de amizades. Primeiro, existem os amigos, no sentido geral. Mas também existem os amigos com quem temos uma relação mais próxima, que se destacam dos demais. Nas linhas abaixo, pedimos que você escreva o nome, ou as iniciais do nome, de suas amizades que se destacam das outras. Você não precisa utilizar todas as linhas; utilize apenas as que realmente precisar.

_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____

- b) Quantos amigos homens você indicou? _____

- c) E quantas mulheres? _____

- d) Pensando nestas amizades, marque o número que indica o quanto você concorda com as frases abaixo, usando a escala de 1 a 5.

Figura 1. *Rapport* da escala.

foi desenvolvida por Caballo (2003) e tem por objetivo avaliar as habilidades sociais do respondente. Sua versão brasileira foi adaptada por Pereira, Dutra-Thomé e Koller (2018) sendo composta por oito fatores (Habilidade para iniciar e manter conversações; Habilidades para dizer não; Habilidades em receber elogios; Habilidades para falar em público; Habilidades para expressar afeto positivo; Habilidades para expressar afeto negativo; Habilidades para expressar desacordo/opiniões contrárias; Habilidades para defender direitos) e um fator geral que avalia as habilidades sociais como um todo. A versão brasileira apresenta boas propriedades psicométricas com um alfa da escala total de 0,945.

Escala de Autoestima de Rosenberg. Adaptada para a realidade brasileira por Hutz e Zanon (2011), é uma escala de autorrelato que tem por objetivo avaliar a autoestima. Em seu estudo de validação para o contexto brasileiro, apresentou dados psicométricos adequados, apresentando um alfa de Cronbach de 0,90.

Escala de Autoeficácia Geral Percebida. Escala de autorrelato com dez itens validada para o contexto brasileiro por Sbicigo, Teixeira, Dias e Dell'Aglio (2010) apresentando boas evidências de validade e confiabilidade, com um alfa de Cronbach de 0,85.

Análise de Dados

Para a análise das propriedades psicométricas da nova versão, foram realizadas análises fatoriais confirmatórias a partir do método de *Weighted Least Squares Means and Variance Adjusted* (WLSMV), sendo este mais adequado à natureza categórica dos itens do instrumento. Utilizou-se o programa *Mplus*. Foram considerados índices de ajuste adequados valores de CFI e TLI acima de 0,9 e de RMSEA abaixo de 0,08; e valores abaixo de 0,05 como bom ajustamento. Para todos os índices, utilizou-se intervalos de confiança de 90% (Hu & Bentler, 1999). Como índices de confiabilidade dos fatores, foram calculados o alfa de Cronbach e o coeficiente de confiabilidade composta, sendo valores acima de 0,7 considerados ideais. O modelo fatorial testado foi o original do instrumento (Mendelson & Aboud, 1999) acrescido de um fator geral para avaliar a presença de todos os fatores como um índice de qualidade geral das relações de amizade.

Resultados

A análise fatorial confirmatória demonstrou que todos os itens carregaram em seus fatores originais, com

cargas fatoriais que variaram entre 0,723 (item 17 fator Autovalidação) e 0,959 (item 16 fator Aliança Confiável). Os índices de ajuste foram adequados, com valores de CFI de 0,968; TLI de 0,965; X^2 de 1329,894 com 399 graus de liberdade; e RMSEA de 0,067 com intervalo de confiança entre 0,063 e 0,071. O alfa de Cronbach da escala total foi de 0,970 e os alfas das demais escalas apresentaram valores entre 0,875 e 0,912. Os alfas de Cronbach e os coeficientes de confiabilidade composta de cada fator, bem como as cargas fatoriais dos itens, podem ser observadas na Tabela 1. Todos os coeficientes de confiabilidade se mostraram adequados, bem como as cargas fatoriais de todos os itens em cada um dos seus respectivos fatores.

Em relação às correlações entre os fatores, houve correlações estatisticamente significativas entre todos os fatores, sendo que a correlação mais alta foi entre os fatores Ajuda e Autovalidação (0,795) e a mais baixa foi entre os fatores Ajuda e Aliança Confiável (0,674; ver Tabela 2). Em relação ao número de amigos que foram citados por cada respondente, houve uma correlação positiva entre o número de amigos e todos os fatores. A correlação mais alta entre todas as analisadas foi a com fator companheirismo (0,311).

Além das correlações entre os fatores, também foram analisadas correlações referentes aos escores da escala com outros construtos apontados na literatura como ligados às relações interpessoais. Como pode ser observado na Tabela 3, todos os fatores apresentaram correlações positivas estatisticamente significativas com as variáveis positivas (habilidades sociais, autoestima e autoeficácia) e correlações negativas com ansiedade social. Quando se analisa cada uma das variáveis, pode-se observar que Autovalidação foi o fator que apresentou maior correlação com as variáveis positivas. Por outro lado, em relação à ansiedade social, o fator Ajuda foi o que teve o valor de correlação mais elevado, sendo que essa correlação foi negativa.

Além das propriedades psicométricas já relatadas, buscou-se também avaliar diferenças entre as médias nos fatores entre grupos diferentes da amostra. Para tanto, inicialmente foram realizadas análises de invariância de medida por meio de Análises Fatoriais Confirmatórias Multigrupo (AFCM) entre homens e mulheres e entre participantes mais jovens (grupo entre 18 e 24 anos) e participantes mais velhos (grupo entre 25 e 30 anos). Em cada AFCM, foram testados três modelos de invariância na seguinte ordem hierárquica: configural, métrico e escalar. O teste de diferença de CFI (Δ CFI) avaliou a invariância de

Tabela 2.
Correlações entre os Fatores da Escala McGill-UFRGS

	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Número de Amigos	1							
2. Segurança Emocional	,274**	1						
3. Ajuda	,246**	,777**	1					
4. Companheirismo	,311**	,785**	,749**	1				
5. Autovalidação	,237**	,779**	,795**	,760**	1			
6. Intimidade	,195**	,788**	,709**	,708**	,700**	1		
7. Aliança confiável	,249**	,741**	,674**	,737**	,685**	,678**	1	
8. Total	,283**	,919**	,890**	,886**	,889**	,873**	,845**	1

Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,001$.

Tabela 3.
Correlação entre os Escores da Escala e Construtos Relacionados às Relações Interpessoais

	Nº Amigos	Seg. Em.	Ajuda	Companh.	Autov.	Intimid.	Aliança confiável	Total
Habilidades Sociais	,248**	,185**	,183**	,224**	,263**	,218**	,150**	,231**
Ansiedade Social	-,214**	-,264**	-,285**	-,264**	-,279**	-,221**	-,208**	-,286**
Autoeficácia	,235**	,285**	,306**	,291**	,348**	,278**	,226**	,326**
Autoestima	,298**	,321**	,351**	,339**	,415**	,338**	,245**	,379**

Nota. Seg. Em. = Segurança Emocional; Companh. = Companheirismo; Autov. = Autovalidação; Intimid. = Intimidade; * $p < 0,05$; ** $p < 0,001$.

medida comparando o modelo configural ao modelo métrico e o modelo métrico ao modelo escalar. Valores do ΔCFI iguais ou inferiores a 0,01 são indicativos de invariância fatorial para o parâmetro avaliado (Brown, 2006). Também foram analisados os resultados do teste qui-quadrado para comparação entre os três modelos, sendo valores de $p > 0,05$ indicativos de invariância da medida. A Tabela 4 apresenta os resultados das duas AFCM. Foi confirmada invariância da medida tanto para os dois gêneros ($\Delta CFI \leq 0,003$) quando para os dois grupos etários ($\Delta CFI \leq 0,002$).

Uma vez estabelecida a invariância de medida do instrumento entre grupos de diferentes faixas etárias e gêneros, foram realizados dois testes t de Student. No primeiro, foram comparadas as médias dos dois grupos etários (o grupo entre 18 e 24 anos e o grupo entre 25 e 30 anos). Não houve diferenças estatisticamente significativas entre as médias dos dois grupos para

nenhum dos fatores. O segundo teste t foi realizado comparando as médias de ambos os sexos em cada fator. Como pode ser observado na Tabela 4, houve diferenças estatisticamente significativas em todas os fatores, com exceção de Companheirismo e Aliança Confiável, além do número de amigos. Em todos os casos, mulheres apresentaram médias superiores que os homens.

Discussão

A estrutura fatorial analisada mostrou-se adequada à população brasileira. Ela é baseada na estrutura fatorial original, porém, foi adicionado um fator que englobasse todos os fatores anteriores como forma de avaliar a qualidade das relações de amizade integralmente. Esse fator foi chamado de “Qualidade da Amizade”, visto que ele seria o somatório dos escores

Tabela 4.

Modelos de Invariância de Medida Testados por meio de Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCM) entre Diferentes Gêneros e Grupos Etários

AFCM entre gêneros (homens x mulheres)	χ^2 (<i>df</i>)	CFI	TLI	RMSEA [IC 90%]	Δ CFI	χ^2 : p-valor
Modelo configurado	1615,36 (780)	0,974	0,971	0,064 [0,060 – 0,069]		Configural vs. Métrico: 0,607
Modelo métrico	1614,69 (804)	0,975	0,973	0,062 [0,058 – 0,067]	0,001	Métrico vs. Escalar: 0,725
Modelo escalar	1620,97 (888)	0,978	0,978	0,056 [0,052 – 0,061]	0,003	Configural vs. Escalar: 0,730
AFCM entre grupos etários (18-24 anos x 25-30 anos)	χ^2 (<i>df</i>)	CFI	TLI	RMSEA [IC 90%]	Δ CFI	χ^2 : p-valor
Modelo configurado	1545,94 (780)	0,976	0,974	0,061 [0,057 – 0,066]		Configural vs. Métrico: 0,611
Modelo métrico	1548,25 (804)	0,977	0,975	0,060 [0,055 – 0,064]	0,001	Métrico vs. Escalar: 0,517
Modelo escalar	1558,69 (888)	0,979	0,980	0,054 [0,049 – 0,058]	0,002	Configural vs. Escalar: 0,576

Nota. CFI: Comparative Fit Index; TLI: Tucker–Lewis Index; RMSEA [IC 90%]: Root Mean Square Error of Approximation com Intervalo de Confiança de 90%.

Tabela 5.

Comparação de Médias entre Homens e Mulheres nas Diferentes Subescalas da Escala McGill-UFRGS

Variáveis	Média Grupos (DP)		P
	Homens (<i>n</i> = 177)	Mulheres (<i>n</i> = 344)	
Escala Total	125,15 (20,9)	130,85 (19,26)	,002
Segurança Emocional	21,011 (4,22)	22,18 (3,51)	,002
Ajuda	20,18 (4,14)	21,16 (3,89)	,008
Companheirismo	22,19 (3,45)	22,59 (3,13)	,188
Autovalidação	20,16 (3,88)	21,34 (3,63)	,001
Intimidade	19,40 (4,78)	20,90 (4,05)	,000
Aliança confiável	22,20 (3,63)	22,72 (3,33)	,106
Número de Amigos	5,78 (2,97)	5,60 (2,57)	,498

de todas as funções de amizade. Dessa forma, um grupo de amigos que preencher o maior número de funções terá uma maior qualidade na relação.

Em relação ao item no qual se pede aos respondentes que enumerem amigos, percebe-se que houve uma correlação positiva entre a quantidade de amigos e os escores nos fatores da escala. Esse resultado pode

ser explicado pelo fato de que, quanto mais amigos a pessoa tiver em sua rede, mais provável que as funções de amizade sejam satisfeitas, visto que esta possui mais pessoas para contar nas diferentes situações e funções. Dessa forma, grupos de amigos com um número reduzido tem uma probabilidade menor de preencher todas as funções de amizade de forma satisfatória.

Em relação à comparação dos escores das escalas com outras variáveis, houve correlações positivas entre as habilidades sociais e os fatores da escala. Esse resultado demonstra a relação apontada pela literatura que pessoas com níveis adequados de habilidades sociais tendem a ter relacionamentos sociais com mais qualidade, além de estarem mais protegidos em situações de risco no qual precisam acessar a sua rede de apoio (Del Prette & Del Prette, 2017; Pereira & Leme, 2018).

Os resultados relacionados à ansiedade social também são semelhantes, visto que houve uma correlação negativa entre os escores de ansiedade social e os fatores da escala. Como apontado pela literatura (Caballo, 2003; Pereira & Leme, 2018), indivíduos com ansiedade social tendem a ter dificuldades nos relacionamentos interpessoais e baixas habilidades sociais, o que dificulta o desenvolvimento de seus relacionamentos interpessoais de forma satisfatória, tanto com amigos quanto com outras pessoas.

Os escores da escala também apresentaram correlações positivas com variáveis de autoconceito (autoestima e autoeficácia). Esses resultados demonstram que a qualidade dos relacionamentos de amizade tem um impacto positivo em como a pessoa se vê e se sente, o que corresponde às funções da amizade. Esses resultados também foram encontrados em outros estudos como o de Pereira, Dutra-Thomé & Koller (2018).

As correlações encontradas entre habilidades sociais, ansiedade, autoestima e autoeficácia com os escores da Escala McGill-UFRGS são interessantes do ponto de vista psicométrico, visto que essas correlações são apontadas na literatura como existentes. Esses resultados apontam que o construto avaliado pela escala se comporta da forma como se espera que deve ocorrer e possui as mesmas relações estatísticas que a literatura aponta que devem existir, sendo assim uma forte evidência de validade convergente.

Em relação à comparação entre as médias de homens e mulheres, houve diferença significativa nas variáveis Segurança Emocional, Ajuda, Autovalidação e Intimidade, além da escala geral de qualidade da amizade, nas quais as mulheres apresentaram médias superiores. Esse resultado é sustentado pela literatura e foi encontrado em outros estudos (Souza, 2006; Souza & Hutz, 2007) e talvez esteja ligado à forma como pessoas de diferentes sexos avaliam as características de suas relações de amizade. Como esse resultado também foi encontrado em outros estudos, demonstra que a escala é sensível às diferenças entre sexos.

Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi desenvolver uma nova versão das Escalas McGill de funções da amizade, a qual foi chamada Escala McGill-UFRGS de Avaliação das Funções de Amizade na Rede de Amigos. Para tanto, foram realizadas adaptações da escala original com o objetivo de avaliar as funções de amizade do grupo de amigos, além de incluir um novo fator à estrutura fatorial já existente. Este estudo também avaliou as evidências psicométricas de validade, as quais apresentaram índices de ajuste aceitáveis, e as evidências psicométricas de confiabilidade, que se mostraram adequadas.

Em relação às limitações deste estudo, é preciso levar em conta que a amostra utilizada foi apenas de jovens entre 18 e 30 anos, assim, não existem dados que atestem a validade do instrumento e de seus fatores em pessoas fora dessa faixa etária. É preciso salientar também que a amostra utilizada neste estudo apresenta homogeneidade em suas características socio-demográficas. Sugerem-se novos estudos com amostras diversificadas para avaliar se a escala apresentará bons índices de ajuste em outros grupos.

Por fim, a escala McGill-UFRGS apresenta propriedades psicométricas adequadas, mostrando-se um instrumento que possibilita avaliar as funções da amizade no grupo de amigos como um todo. É indicada para uso em jovens brasileiros entre 18 e 30 anos em contexto de pesquisas.

Referências

- Buote, V. M., Pancer, S. M., Pratt, M. W., Adams, G., Birnie-Lefcovitch, S., Polivy, J., & Wintre, M. G. (2007). The importance of friends friendship and adjustment among 1st-year university students. *Journal of Adolescent Research*, 22(6), 665-689. doi:10.1177/0743558407306344
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York: The Guilford Press.
- Caballo, V. E. (2003). *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*. São Paulo: Santos.
- Carvalho, R. G., Fernandes, E., Câmara, J., Gonçalves, J. A., Rosário, J., Freitas, S., & Carvalho, S. (2017). Relações de amizade e autoconceito na adolescência: um estudo exploratório em contexto escolar. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 34(3), 379-388.

- Collins, W. A., & Laursen, B. (2004). Parent-adolescent relationships and influence. In R. Lerner & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of adolescent psychology* (pp. 331-362). New York: Wiley.
- Costa, A. C. R., & Cavalcante, L. I. C. (2018). Fatores de risco no desenvolvimento e nas relações de amizade de adolescentes em acolhimento institucional. *Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 3(5), 376-391.
- Del Prette, Z.A.P. & Del Prette, A. (2017). *Competencia social e Habilidades Sociais. Manual Teórico - prático*. Petrópolis: Vozes.
- Demir, M., & Weitekamp, L. A. (2007). I am so happy 'cause today I found my friend: friendship and personality as predictors of happiness. *Journal of Happiness Studies*, 8(2), 181-211. doi:10.1007/s10902-006-9012-7
- DeSousa, D. A. & Cerqueira-Santos, E. (2011). Redes sociais e relacionamentos de amizade ao longo do ciclo vital. *Psicopedagogia*, 28(85), 53-66.
- DeSousa, D. A. & Cerqueira-Santos, E. (2012). Relacionamentos de Amizade Íntima entre Jovens Adultos. *Paidéia*, 22(53), 325-333. doi:10.1590/1982-43272253201304
- DeSousa, D. A., Moreno, A. L., Osório, F. L., Crippa, J. A. S., LeBeau, R., Manfro, G. G., Salum, G. A., & Koller, S. H. (2017). Psychometric properties of the dimensional anxiety scales for DSM-5 in a Brazilian community sample: DSM-5 Dimensional Anxiety Scales in Brazil. *International Journal of Methods in Psychiatric Research* 26(3), e1531. doi:10.1002/mpr.1531
- DeSousa, D. A. & Pereira, A. S. (2018) Características e Funções dos Relacionamentos de Amizade na Adulthood Emergente. Em L. Dutra-Thomé, A. S. Pereira, S. I. Nuñez, & S.H. Koller. *Adulthood Emergente no Brasil: Uma Nova Perspectiva Desenvolvimental sobre a Transição para a Vida Adulta*. São Paulo: Vector Editora.
- Dishion, T. J., Nelson, S. E., & Yasui, M. (2005). Predicting early adolescent gang involvement from middle school adaptation. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 34(1), 62-73. doi:10.1207/s15374424jccp3401_6
- Duarte, M. G., & Souza, L. K. (2010). O que importa em uma amizade? A percepção de universitários sobre amizades. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, 4(2), 271-290.
- Dutra-Thomé, L., & Pereira, A.S. (2017) Emerging adulthood in Brazil: socioeconomic influences and methodological issues in the study of young adults. Em D. D. Dell'Aglio & S. H. Koller, *Vulnerable Children and Youth in Brazil. Innovative Approaches from the Psychology of Social Development*. Spriger.
- Fehr, B. A. (1996). *Friendship Processes*. London: Sage.
- Fraley, R. C., & Davis, K. E. (1997). Attachment formation and transfer in young adults' close friendships and romantic relationships. *Personal Relationships*, 4(2), 131-144. doi:10.1111/j.1475-6811.1997.tb00135.x
- Gouveia, O. M. R., Matos, A. D., & Schouten, M. J. (2016). Redes sociais e qualidade de vida dos idosos: uma revisão e análise crítica da literatura. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(6), 1030-1040.
- Hartup, W. W., & Stevens, N. (1997). Friendships and adaptation in the life course. *Psychological Bulletin*, 121(3), 355-370. doi:10.1037/0033-2909.121.3.355
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cut off criteria for fit indexes in covariance structure analysis: conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 6, 1-55. doi:10.1080/10705519909540118
- Hutz, C. S. & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 41-49.
- Mendelson, M. J., & Aboud, F. E. (1999). Measuring friendship quality in late adolescents and young adults: McGill Friendship Questionnaires. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 31(2), 130-132. doi:10.1037/h0087080
- Pereira, A. S. (2015). *Avaliação das Habilidades Sociais e de Suas Relações com Fatores de Risco e Proteção em Jovens Adultos Brasileiros* (Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil). Recuperado de <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/130477>
- Pereira, A. S. (2019). Escudo social: uma proposta de compreensão para a relação entre habilidades sociais e apoio social na adultez emergente. *Brasileiros* (Tese de doutorado. Instituto de Psicologia,

- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil). Recuperado de <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/196347>
- Pereira, A.S., Dutra-Thomé, L., & Koller, S.H. (2018). Propriedades psicométricas da escala multidimensional de expressão social parte motora (EMES-M) em uma amostra brasileira. *Avaliação Psicológica*, 17(1).
- Pereira, A. S., & Leme, V. (2018). A importância das habilidades sociais nas relações interpessoais durante a adultez emergente. Em L. Dutra-Thomé, A. S. Pereira, S. I. Nuñez, & S. H. Koller. *Adultez Emergente no Brasil: Uma Nova Perspectiva Desenvolvimental sobre a Transição para a Vida Adulta*. São Paulo: Vetor Editora.
- Pereira, A. S., Willhelm, A. R., Koller, S. H., & Almeida, R. (2018). Fatores de risco e proteção para tentativa de suicídio na adultez emergente. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*. Recuperado de http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/artigo_int.php?id_artigo=15952
- Ramos, M. P. (2002). Apoio social e saúde entre idosos. *Sociologias*, 7, 156-175.
- Resende, M. C. de, Bones, V. M., Souza, I. S., & Guimarães, N. K. (2006). Rede de relações sociais e satisfação com a vida de adultos e idosos. *Psicologia para América Latina*, (5).
- Sbicigo, J. B., Bandeira, D. R., & Dell'Aglio, D. D. (2010). Rosenberg Self-Esteem Scale (RSS): factorial validity and internal consistency. *Psico-USF*, 15(3), 395-403.
- Souza, L. K. (2006). *Amizade em adultos: Adaptação e validação dos questionários McGill e um estudo de diferenças de gênero*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Souza, L. K. de, & Hutz, C. S. (2007). A qualidade da amizade: adaptação e validação dos questionários McGill. *Aletheia*, 25, 82-96.
- Wagner, M. F., & Oliveira, M. da S. (2009). The social skills study in adolescents marijuana users. *Psicologia Em Estudo*, 14(1), 101-110. doi:10.1590/S1413-73722009000100013

Recebido em: 23/03/2019

Reformulado em: 31/07/2020

Aprovado em: 14/11/2020

Sobre os autores:

Anderson Siqueira Pereira é Psicólogo clínico. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental e Terapeuta do Esquema. Bolsista de apoio técnico (psicólogo) no Núcleo de Apoio Psicopedagógico da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Professor e Supervisor clínico dos cursos de Especialização da Wainer Psicologia Cognitiva.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8396-3683>

E-mail: anderson.siqueira.pereira@gmail.com

Diogo Araujo DeSousa é Psicólogo Clínico. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do Curso de Psicologia da Universidade Tiradentes (Unit - SE). Coordenador do Laboratório de Avaliação Psicológica da Unit.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4112-6649>

E-mail: diogo.a.sousa@gmail.com

Luciana Dutra-Thomé é Professora Graduação e Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Coordenadora do Laboratório de Estudos sobre Processos Psicossociais da Adolescência, Adulterez Emergente e Adulterez (LAPROA).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9629-467X>

E-mail: lucianaduth@gmail.com / luciana.dutra@ufba.br

Silvia Helena Koller é Psicóloga e Doutora em Educação. Professora colaboradora da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e Professora associada da North-West University (Africa do Sul)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9109-6674>

E-mail: silvia.koller@gmail.com

Contato com os autores:

Instituto de Psicologia
Universidade Federal do Rio grande do Sul
Rua Ramiro Barcelos, 2600, Santa Cecília
Porto Alegre-RS, Brasil
CEP: 90035-003
Telefone: (051) 3308-5066